

AS AMBIGUIDADES EM DICIONÁRIOS MONOLINGUES FRANCESES E PORTUGUESES

EUGENIA GONZALEZ VALÉRIO DE FIGUEIREDO
(Universidade de Lisboa)

Em francês e em português, como em todas as línguas naturais, existem ambiguidades lexicais devido à polissemia de algumas palavras, à existência de homónimos e homógrafos, mas também à sinonímia.

A lexicologia e a lexicografia — porque são as guardiãs do génio duma língua — e porque segundo as épocas ou as escolas assumem posições diferentes relativas à construção do vocabulário e da sua significação, estão também na origem de algumas ambiguidades. Assim, esta comunicação propõe uma reflexão sobre o léxico e a lexicografia no âmbito do francês e do português.

I. Homonímia e homografia na lexicografia francesa

No que toca ao léxico francês, as ambiguidades surgem ao nível das palavras polissémicas e das palavras homófonas-homógrafas. No entanto, ao nível somente da língua falada, existe na língua francesa uma longa lista de expressões homófonas-heterógrafas porque a língua francesa é talvez a língua românica com mais monossílabas. Esta característica permite jogos de palavras chamados *calamburs* nos quais o locutor recorre à homofonia para introduzir uma segunda significação no discurso. Por exemplo, uma das personagens do romance *Les Braban* de Patrick Besson (ed. Albin Michel, 1995) fala de «l'enfermement» destacando as duas últimas sílabas (« l'enfer-me-ment ») o que lhe permite num mesmo acto de fala emitir duas mensagens: uma que se refere à clausura, outra ao facto do inferno — ou o diabo — lhe mentir. Este jogo de palavras consiste frequentemente em repetir monemas ou lexemas com o mesmo som mas com sentido diferente como no exemplo que segue: «Tandis que Deschamps jardinait un peu à Porte de Versailles, le petit jars dînait en ville avec une belle plante.»

Mas se a homofonia pode ser utilizada para fazer jogos de palavras, ela constitui, no entanto, um problema para a compreensão das mensagens. É a razão pela qual os lexicólogos e lexicógrafos recorreram a signos diacríticos para podermos distinguir graficamente algumas palavras. Estas palavras são chamadas por Nina Catach (1984) logogramas e têm, segundo esta linguista, « a função de dar uma imagem específica a determinadas palavras homófonas com o fim de ajudar ao reconhecimento rápido do seu sentido: são palavras homófonas-heterógrafas. » É o caso da palavra "vingt" (vinte) à qual se acrescentou um "g" para a distinguir de "vint" (veio) verbo "venir" (vir) na 3ª p. do sing. do Pretérito Perfeito; e do adjectivo "mûr" (maduro) ao qual se acrescentou um acento circunflexo para o distinguir do substantivo "mur" (muro). A estes homófonos, que se tornaram heterógrafos pela acção dos lexicólogos, opomos palavras homófonas-heterógrafas por evolução fonológica natural tais como : "maire" e "mère" (pr. de câmara e mãe); "cygne" e "signe" (cisne e signo); "pin" e "pain" (pinheiro e pão); "raisonner" e "résonner" (raciocinar e ressoar). O que distingue, assim, as primeiras das restantes palavras homófonas-heterógrafas, é que as primeiras tinham uma mesma ortografia que foi mais tarde diferenciada (encontram-se entre eles muitas palavras gramaticais: advérbios, preposições, etc.) enquanto as segundas têm uma ortografia que revela uma etimologia diferente e que por esta razão não foi necessário retocar.

No plano semântico, torna-se necessário distinguir as palavras homófonas-homógrafas das palavras que têm a particularidade de serem polissémicas. É o caso, por exemplo, do verbo "voler" do latim "volare". Nas entradas dos dicionários de língua francesa, o verbo "voler" tem duas entradas assim como o seu substantivo "vol" porque, segundo os dicionários, estamos diante dum caso de homofonia-homografia. No entanto, do sentido primeiro de "voler" significando deslocar-se no ar, passou-se ao sentido de furtar através do vocabulário da falcoaria no qual se emprega o termo "volée" para dizer, por exemplo: « une perdrix a été volée par un faucon ». No vocabulário da falcoaria os dois sentidos têm coexistido e é só mais tarde que o segundo sentido passou ao vocabulário geral para significar "roubar", "furtar" ou "subtrair" um objecto. As diversas acepções que se acrescentam a uma palavra no decurso do tempo podem, portanto, estar na origem da criação de homófonos-homógrafos quando os diferentes sentidos estão suficientemente afastados ou quando temos esquecido o elo que ligava um sentido a um outro como é o caso para a palavra "vol". No entanto, a decisão de separar totalmente os diferentes sentidos e de criar homófonos-homógrafos cabe aos lexicólogos e lexicógrafos. Assim, estes últimos, por motivos pedagógicos, querem através dum corte semântico tornar mais acessível o conhecimento do léxico da língua francesa. É o que se pode verificar no Micro-Robert (1989) onde a existência dum sentido específico muito conhecido merece segundo os autores um lugar de destaque. É, por exemplo, o

caso de "carte" que tem uma entrada diferente quando significa mapa, ou de "bande" quando o termo se refere a pessoas, podendo até existir uma entrada diferente para cada acepção da palavra como é no caso de "col" (colarinho, pescoço, desfiladeiro, gargalo). Este dicionário opta aliás por apresentar palavras da gíria, da língua popular e os empréstimos com entradas diferentes mesmo quando estas palavras são homófonas-homógrafas com outras palavras francesas. Temos assim, no que toca à gíria, a palavra "casse" no sentido de assalto, "came" no sentido de cocaina, "cave" que designa a vítima dum intrujice ou uma pessoa que não pertence a um bando de malfeitores. Para a língua popular, temos o verbo "harboter" no sentido de furtar, "butor" que designa um homem grosseiro, e "canon" que designa um copo de vinho. Enquanto aos empréstimos, encontramos palavras inglesas que são homófonas-homógrafas com palavras francesas tais como "caravane" que designa em francês um grupo de pessoas que se desloca e em inglês um reboque para campismo; "convention" que designa em francês um acordo entre várias pessoas e em inglês um congresso para designar um candidato à presidência. O aparecimento de homófonos-homógrafos na língua francesa deve-se, portanto, a uma extensão do emprego dum palavra e daí do seu sentido. Este fenómeno é patente com a língua popular, a gíria e os empréstimos, mas também com muitas palavras polissémicas o que revela vontade de inovar por parte dos lexicógrafos em matéria de classificação.

Existe efectivamente uma diferença fundamental entre os dicionários ditos "clássicos" e os dicionários "modernos": os primeiros vão do geral ao particular ao constituir o artigo do dicionário sem insistir sobre as rupturas semânticas existentes entre as diversas acepções dum palavra, enquanto os segundos realçam, pelo contrário, as rupturas semânticas ao criar "novas palavras" homófonas-homógrafas. São atitudes conceptuais opostas pois os dicionários ditos "clássicos" insistem implicitamente no que une entre si as diferentes acepções dum mesmo vocábulo juntando-as num mesmo artigo, enquanto os dicionários ditos "modernos" insistem no que as separa ao criar homófonos-homógrafos. O seu desejo de criar "novas palavras" aparece, no entanto, as vezes excessivo, pois revela um certo menosprezo pelos laços semânticos que unem entre si as diversas acepções dum palavra. É o caso da palavra "agente" que é apresentada com duas entradas no *Dictionnaire Hachette de la Langue Française* (1980) e no *Micro-Robert* (1989). Na primeira entrada encontramos nestes dois dicionários a palavra "agente" definida no seu sentido gramatical e no seu sentido abstrato, tendo por sinónimos: causa, factor, princípio; na segunda entrada, a palavra "agente" refere-se a uma pessoa que trabalha por conta de outrem, dum administração ou dum sociedade. No entanto, nas diversas acepções da palavra, o sentido fundamental é sempre o mesmo: é aquele que age, seja este um indivíduo, um elemento ou um organismo. Assim em "agente atmosférico", "agente económico" ou "agente de

polícia". a palavra "agente" representa sempre alguém ou uma coisa que age no seio dum grupo constituído por pessoas ou elementos.

Mas quando existem palavras de origem diferente que são homófonas-homógrafas, é pedagogicamente desejável apresentá-las com entradas diferentes. É o caso, por exemplo, da palavra "botte" (do b. lat. "botta") que designa um calçado que envolve o pé e parte da perna, e da palavra "botte" quando é um empréstimo feito ao espanhol (vocábulo que talvez foi pela sua vez um empréstimo feito ao alemão "bote" e que designa um mensageiro) e que é uma estocada conseguida pelo meio duma maestria secreta, daí a expressão "botte secrète".

A propósito da nomenclatura do *Micro-Robert* (1989), Alain Rey escreve no prefácio deste dicionário de aprendizagem do francês: «des mots de même origine, mais sentis de nos jours comme entièrement distincts par le sens ont été traités séparément. Cette méthode déjà pratiquée par certains lexicographes français, a été appliquée ici avec modération: chaque fois que les différents sens d'un mot pouvaient laisser place au sentiment de son un unité, on s'est abstenu d'y recourir.»

Parece, no entanto, que o desejo de moderação, expresso aqui por Alain Rey, ficou sem efeito e que na prática os lexicógrafos separaram frequentemente as diversas acepções dum vocábulo sem que isso se justificasse. Este problema não é aliás abordado por Françoise Guérard na sua "note de l'éditeur" do dicionário *Hachette de la langue française* (1980). Afirma na sua nota que este dicionário segue uma classificação que pode ser qualificada de clássica pois apresenta as diferentes acepções dum vocábulo indo do geral ao particular, e escreve: «Bien souvent, en français, le même mot a plusieurs sens; nous énumérons ces sens en les classant le mieux possible: les divisions les plus larges sont indiquées par une lettre (A,B,C, etc.); ensuite vient un classement en chiffres romains dans lequel s'emboîtent les subdivisions signalées par un chiffre arabe. Les distinctions encore plus subtiles sont précédées soit d'un triangle éclairé, soit d'un tiret, qui soulignent les nuances de plus en plus fines.» Esta apresentação faz assim pensar nas famosas bonecas russas que se encaixam umas nas outras, as "matriochkas", ou em círculos concêntricos, pois realça como as diferentes acepções se relacionam. Mas, o facto é que, no que toca à nomenclatura, não há diferenças substanciais entre o dicionário *Micro-Robert* e o dicionário *Hachette*: estes dois dicionários inserem-se nas vias inovantes da lexicografia apesar das denegações dos autores.

A consultação dos dicionários mais recentes da língua francesa leva-nos a constatar que estamos diante dum novo panorama lexicográfico que visa criar homófonos-homógrafos e generalizar assim um novo tipo de classificação tornando-a tão incontornável como a classificação que propôs no século XVIII o célebre naturalista sueco Carl von Linné.

Mas, a criação de homófonos-homógrafos, que parte da ideia de empregar um mesmo vocábulo ou expressão para designar realidades aparentemente diferentes, sem nenhuma ligação semântica entre elas, é geradora de ambiguidades. Assim, entre o "Front National", partido francês de direita nacionalista criado em 1972 por Jean-Marie Le Pen, e o "Front National", movimento de resistência durante a ocupação alemã, uns podem ver uma certa analogia, outros nenhuma. Aliás, a ambiguidade caracteriza, de certo modo, a nossa União Europeia cujas bases foram instauradas no mesmo período em que surgiu a guerra fria. O seu hino (a 9ª Sinfonia de Beethoven) foi orquestrado por Herbert von Karajan, que foi sem dúvida um chefe de orquestra notável, mas também um simpatizante do regime nazi. De realçar, igualmente, que os apelidos de alguns dos nossos governantes são homófonos dos apelidos de chefes nazis. É o caso do actual Chanceler alemão Gerhard Schroeder cujo apelido foi também o apelido dum dos banqueiros que financiaram o partido nazi de A. Hitler; e do presidente da República francesa Jacques Chirac cujo apelido é homónimo de Balbur von Schirach, chefe das Juventudes nacionais-socialistas, processado em Nuremberg. A criação de homófonos pode assim revestir aspectos inquietantes porque pode ser utilizada para reivindicar filiações e servir de ameaça para quem pretender atacar um determinado modelo de sociedade.

II. A sinonímia em dicionários portugueses

No que toca aos dicionários portugueses, demos uma particular atenção ao lexicógrafo português Cândido de Figueiredo que publicou em 1899 o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (2 vol.), e em 1924 — um ano antes do seu falecimento — o *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* onde o autor conseguiu reunir « num só livro pouco volumoso a maior parte, a mais importante do Novo Dicionário, aquela que mais aplicações tem na linguagem falada e escrita. » E, acrescentamos, que, por razões de espaço, os exemplos que se encontram nos artigos do Novo Dicionário foram suprimidos na versão reduzida. Consultámos igualmente o *Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa* (1996) por ser um dicionário bastante semelhante do dicionário de Cândido de Figueiredo, sobretudo no que diz respeito à nomenclatura.

Após o desaparecimento de Cândido de Figueiredo, o seu dicionário continuou a ser periodicamente publicado pela Bertrand Editora, mas com aferições e actualizações, as mais importantes sendo: a de 1949 sob a direcção de Júlio Dantas, e a de 1996 sob a coordenação de Rui Guedes. As alterações vão do título da obra — agora mais conhecida como o Grande Dicionário de Cândido de Figueiredo — à introdução de novos vocábulos e uma apresentação diferente dos artigos do dicionário. Assim, a edição de 1996 indica somente que um vocábulo é regional no seu uso ou na sua acepção sem especificar a região em questão como

o faziam as edições anteriores o que origina uma certa opacidade geográfica. Por exemplo:

1956 - **ligeira** f. Bras. do N. Espécie de chicote com que os vaqueiros açoitam os cavalos. Corda com que se prende a um fueiro do carro o chifre do boi novo que se quer dirigir e amansar. Bras. do Goiás. Desafio entre cantores. Cf. Leon. Mota Cantadores, 147. Prov. Minh. e dur. Corda com que os pedreiros seguram os paus que sustentam o calibre de içar pedras. Bras. do N. Diarreia. Cf. Leon. Mota, Sertão Alegre, 250.

1996 - **ligeira** s. f. Bras. Reg. Espécie de chicote com que os vaqueiros açoitam os cavalos. 2. Corda com que se prende a um fueiro do carro o chifre do boi novo que se quer dirigir e amansar. 3. s. f. Bras. Reg. Desafio entre cantores. Cf. Leon. Mota, Cantadores. 4. s. f. Reg. Corda com que os pedreiros seguram os paus que sustentam o calibre de içar pedras. 5. s. f. Bras. Reg. Diarreia. Cf. Leon. Mota, Sertão Alegre.

Não há também nas sucessivas edições do dicionário de Cândido de Figueiredo actualizações ortográficas e semânticas. Por exemplo, o vocábulo "landau" não é fixado com sua ortografia mais moderna "landó" e, tanto na edição de 1956 como na de 1996, só consta a sua acepção antiga («Carruagem de quatro rodas, cuja capota, dupla, se levanta e se abaixa quando se quer.»), a sua acepção moderna sendo: carrinho de criança de quatro rodas, com caixa suspensa cuja capota se levanta e se abaixa quando convém.

Em matéria de sinonímia, o que caracteriza o dicionário de Cândido de Figueiredo é o facto deste lexicógrafo anotar todas as formas que pode tomar um vocábulo. É o caso de alparcata que encontramos também sob as formas de "alpercata", "alpergata", "alpargata", com uma citação de Camilo para "alparcata" e uma citação de Aquilino Ribeiro para "alpargata". Mas, na edição de 1956, que retoma a edição de 1949, é fixada também a variante "alpercate" que se deve ao próprio Júlio Dantas pois o escritor empregou-a em *Outros Tempos*. Esta variante, que é fixada também pela edição de 1996, representa talvez uma alternância de origem latina que o escritor recolheu numa obra documental sobre a vida nas colónias pois escreve: «De alpercate arreganhado, dançando o sarambeque», o sarambeque, sendo uma dança de escravos nos séculos XVII e XVIII. Observamos igualmente que a forma castelhana "alpargata" não aparece na edição de 1949, mas que torna a aparecer na de 1996. Estas alterações trazidas ao dicionário de Cândido de Figueiredo, mesmo quando não desvirtuam o espírito em que foi concebida esta obra, são prejudiciais pois tocam no nome e na obra de um autor que já não é deste mundo.

O Novo Dicionário da Língua Portuguesa foi publicado pela primeira vez na viragem do século XIX, em 1899, quando Espanha acabava de perder as suas últimas colónias na América, quando desaparecia Bismark que tinha construído um império para Guilherme I, quando na Alemanha nascia uma nova ciência

chamada geopolítica, e no momento em que os intelectuais de Europa sonhavam com altos ideais de tipo moral, religioso e patriótico em oposição com o materialismo positivista do período anterior. É também um período de nostalgia e melancolia em que se lembra ou se sonha com um império. Portugal, naquela época, ainda tem um vasto império colonial, mas já perdeu o Brasil que representa pela sua riqueza e vastidão a Jóia da Coroa. Os laços afectivos e linguísticos vão, no entanto, perdurar até os nossos dias pois é devido a falarem a mesma língua que existe entre Portugal e Brasil um relacionamento estreito e fraterno, com todavia, momentos por vezes difíceis nos quais as divergências sobre a língua portuguesa aparecem, de ambos os lados, como o sinal dum amuamento, felizmente passageiro. Ora, o dicionário de Cândido de Figueiredo é o reflexo desta vivência e das ideias daquele período. Encontramos efectivamente no seu dicionário a ambição, por um lado, de unir o passado e o presente ao fixar vocábulos antigos e em desuso que Cândido de Figueiredo recolhe com frequência nos livros de escritores portugueses e brasileiros, e por outro lado, de reunir terras geograficamente distantes onde os Portugueses se fixaram apresentando termos da fauna e da flora do Brasil e fixando regionalismos.

A sinonímia no dicionário de Cândido de Figueiredo é frequente na área da flora e da fauna brasileiras cujos termos comuns o lexicógrafo anota tal um Alexander von Humboldt e aos quais dá o seu equivalente português ou os outros nomes pelos quais são conhecidos. É o caso de denominações tais como "braço-de-preguiça" que designa uma planta solanácea que dá em Portugal pelo nome de "bolsa-do-pastor"; ou de "rato-catita", termo empregado no norte do Brasil e que é sinónimo de "camundongo". No que toca às terras lusitanas, Cândido de Figueiredo pretende também ser exaustivo em relação à fauna e flora. Dá, por exemplo, todos os nomes das variedades de pêras que se podem encontrar em Portugal e até as suas denominações regionais ou estrangeiras. É o caso da "pêra-de-refego" chamada em Trás-os-Montes "pêra-de-sete-cotovelos", ou de variedades importadas tais como "pêra-de-almeida", variedade de origem francesa onde é conhecida por pêra "Duchesse d'Angoulême". Estamos assim diante dum dicionário da língua portuguesa que podemos também considerar como um dicionário enciclopédico, sobretudo em relação à fauna e flora.

A sinonímia no dicionário de Cândido de Figueiredo abarca também os termos empregados em português arcaico. É o caso do vocábulo "abalamento" que aparece na Crónica de Af. Henriques (1727) de Duarte Galvão, e que é apresentado como sinónimo de "abalo" e de "abaladura"; de ortografias de origem latina em vocábulos tais como "almafreixe" e "abscesso", sinónimos de "almofreixe" e "abcesso" (a ortografia deste último vocábulo sendo em Portugal diferente da ortografia brasileira que conserva a forma antiga); ou de pronúncias antigas ou desviantes tais como "absente" por "ausente", "açaimar" por "açamar". No que toca aos substantivos em -mento, formados a partir de verbos, alguns

deles aparecem como criações fortuitas. É o caso de "preguiçamento" («Torcendo-se em preguiçamentos voluptuosos», Coelho Neto, "Banzo") apresentado como sinónimo de "espreguiçamento", e que apesar de não ser conservado no *Pequeno dicionário da língua portuguesa*, continua a figurar na edição do dicionário de 1996.

Por fim, os neologismos e os empréstimos podem figurar enquanto sinónimos de vocábulos usuais portugueses. Temos assim na edição de 1996 do dicionário de Cândido de Figueiredo neologismos tais como o adj. "populatório" sinónimo de "populacional" e de "demográfico"; e o subt. de origem brasileira "preconício" sinónimo de "reclamo". Os empréstimos nesta edição são quase todos de origem inglesa, o que evidentemente não se verificava nas edições anteriores em que um empréstimo tal como "borboreta" é de origem galega e sinónimo de "borboleta".

No *Novo Dicionário Lello da língua portuguesa* (1996) os empréstimos não são tão marcadamente de origem inglesa, pois este dicionário situa-se mais bem num plano internacional como o mostram os exemplos que seguem: "arpeggio" sinónimo de "arpejo"; "mademoiselle" sinónimo de "menina" e de "senhorinha"; "sportman" sinónimo de "desportista"; "bouclé" sinónimo de "riçado" e de "crespo"; "pê-tsaï" sinónimo de "couve-da-China".

Portanto, nestes dicionários a sinonímia está sobretudo relacionada com a morfologia dos vocábulos que podem ter dois géneros, como é o caso de "absolto" e "absolvido", mas também com a fixação de formas antigas e regionais. Estas características não dificultam uma consulta correcta destes dicionários quando estes são consultados por leitores que dominam com maestria a língua portuguesa, mas levantam problemas para quem procura os termos mais usuais, pois não existe frequentemente nenhuma indicação nesse sentido. É o caso do verbo "rebeijar", acção de "beijar novamente" segundo o dicionário de Cândido de Figueiredo, ou de "tornar a beijar" segundo o dicionário Lello. Não temos a acompanhar estas definições nenhuma indicação sobre o emprego deste verbo, que Cândido de Figueiredo achou em *Nocturnos* do escritor luso-brasileiro Gonçalves Crespo, sendo em Portugal o seu emprego praticamente desconhecido. Daí, que estes dicionários não sejam, neste aspecto, dicionários a pôr em todas as mãos. Além disso, os exemplos que constam no dicionário de Cândido de Figueiredo não representam o uso que se faz da língua portuguesa no século XX. Por estas razões, estes dicionários são, nos nossos dias, mais vocacionados para uma actividade semasiológica do que onomasiológica, salvo para quem fizer da escrita a sua profissão e tal um André Gide precise de renovar os seus modos de expressão ao mesmo tempo que adquire conhecimentos históricos. Temos no *Novo Dicionário Lello da língua portuguesa* (1996) assim como no *Grande Dicionário* (1996) de Cândido de Figueiredo vocábulos e definições cujo conteúdo histórico são úteis para esse fim. Verifica-se, aliás, ao

consultar estes dicionários uma actualização na informação histórica. Por exemplo, no que toca ao vocábulo "baixo-império", temos as seguintes definições no dicionário de Cândido de Figueiredo :

1956 - baixo-império m. Império grego de Constantinopla. Ext. Sociedade corrompida. Desmoralização.

1996 - baixo-império s. m. 1. Nome que se deu ao Império Romano, depois de Constantino, e ao Império de Oriente, depois de Teodósio até a tomada de Constantinopla pelos Turcos. Sinón.: Império bizantino. 2. s. m. ext. Sociedade corrompida, desmoralização. 3. s. m. Desmoralização.

No Dicionário Lello da Língua Portuguesa:

1996 - baixo-império s. m. Epoca de decadência do Império Romano desde Constantino, e do Império do Oriente desde Teodósio até 1453. Por ext. Desmoralização. Sociedade corrupta.

As definições que precedem mostram que o vocábulo baixo-império é atribuído a um único império na edição mais antiga do dicionário de Cândido de Figueiredo, e nas edições mais recentes atribuído aos dois impérios: ao do Oriente e ao do Ocidente. Esta actualização não figura, aliás, nos outros dicionários. Assim, o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* fixa a definição que segue:

1977 - baixo-império m. O império romano do Oriente (395-1453).

Mas o *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*, acrescenta à definição que precede :

1984 - baixo-império m. O império romano do Oriente (395-1453).

(fig.) Sociedade de costumes dissolutos.

III. Conclusão

A nossa análise sobre as ambiguidades em dicionários franceses e portugueses, debruçou-se quase essencialmente sobre as nomenclaturas, pois estas revelam a visão que têm os lexicógrafos sobre a língua e sobre o mundo que a rodeia.

Os dicionários contemporâneos franceses que consultámos evidenciam, por parte dos seus autores, uma grande preocupação em poderem ser consultados duma maneira rápida e eficiente. Esta é uma das razões que levou os lexicógrafos a criar homófonos-homógrafos em detrimento duma coerência semântica. Mas, por detrás destas razões pragmáticas de cariz pedagógico, existem sem dúvida razões mais profundas ligadas à criação duma nova classificação dos vocábulos. Assim, a classificação fixada por estes dicionários franceses de grande divulgação privilegia a formação de homófonos-homógrafos quando uma acepção do vocábulo conhece um desenvolvimento ligado a uma evolução tecnológica ou social. Isto não é um fenómeno novo em lexicologia e lexicografia só que neste caso existe uma aceleração artificial de fenómenos naturais que se verificam quando os utentes duma língua esqueceram os laços

semânticos que unem um sentido a um outro sentido. Aliás, poderíamos perguntar-nos se o papel dos lexicógrafos será o de romper os laços semânticos que unem as diversas acepções duma palavra ou ao contrário de unir o que pode parecer desconexo. Verificam-se, no entanto, casos em que não há laços semânticos entre uma e outra acepção. Estes casos ocorrem com a gíria e os empréstimos semânticos, o que leva os lexicógrafos, em defesa da coerência semântica, a criar homófonos-homógrafos. Mas, a verdade é que as diversas acepções duma palavra se apresentam muitas vezes como se fossem as diferentes camadas geológicas que formam a crosta terrestre e que se sobrepueram umas as outras ao decorrer do tempo, daí podermos encontrar uma coerência histórica nas diversas acepções duma palavra, mesmo não havendo coerência semântica. É o caso da gíria e dos empréstimos semânticos, pois estes dão uma nova acepção a um vocábulo que não apresenta nenhuma ligação semântica com as acepções anteriores. Os empréstimos semânticos fazem assim parte dos chamados falsos-amigos, segundo a terminologia empregada em tradução, porque podem originar alguma ambiguidade quando do seu emprego e descodificação.

No que toca aos empréstimos em dicionários portugueses, alguns deles estão em concorrência no *Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa* (1996) com vocábulos portugueses comuns bem implantados na língua portuguesa. Este dicionário apresenta assim uma curiosa situação de plurilinguismo que não corresponde à realidade, mas que pertence talvez a um conjunto muito reduzido de pessoas que por razões profissionais se encontram numa situação de bilinguismo ou até de plurilinguismo.

Quanto ao dicionário de Cândido de Figueiredo, este tem a particularidade de fixar uns milhares de regionalismos brasileiros e portugueses, muitos deles tendo uma equivalência na língua geral. Este dicionário apresenta, portanto, fenómenos de dialectização que aparecem sobretudo ligados à fauna e flora porque estas são circundantes do mundo rural. Este dicionário inscreve-se aliás numa tradição lexicográfica que é mais brasileira do que portuguesa. Assim, tanto o *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa* editado primeiro no Brasil pela ed. Globo e numa segunda fase em Portugal, em 1984, pela ed. Globo e Verbo, como o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1975) editado por Mirador Internacional, são dicionários que se assemelham muito ao dicionário de Cândido de Figueiredo e ao *Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa*. As alterações, no entanto, sofridas pelo mundo rural, assim como a revolução social que os médias provocaram, puseram entretanto em risco os dialectos, pois estes entravam de certa maneira a comunicação. O dicionário de Cândido de Figueiredo pode ser, portanto, considerado, nos nossos dias, como um dicionário que não corresponde, em grande parte, a uma realidade linguística e portanto às necessidades dos lusófonos em geral. Aliás, este anacronismo não é originado somente por regionalismos fora de uso, tem origem também nas ortografias

antigas e vocábulos que já estavam em desuso quando Cândido de Figueiredo os fixou. Isto indica que a ambição deste notável lexicógrafo não era somente a de fixar um léxico actualizado da língua portuguesa, mas também de fazer uma recolha de tudo o que tinha feito a grandeza dum passado em que se forjou uma mesma cultura que constitui, de certo modo, as raízes comuns aos Portugueses e Brasileiros. E, como pudemos verificar, os seus desígnios estão nos nossos dias bem vivos.

Bibliografia

- CATACH, Nina, 1984. *L'orthographe française.Traité théorique et pratique*. Nathan Université, Paris.
- FERNANDES, Francisco, 1984. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. ed. Globo e ed. Verbo.
- FIGUEIREDO, Cândido de, 1956. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Bertrand Editora.
- FIGUEIREDO, Cândido de, 1996. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Bertrand Editora.
- FIGUEIREDO, Cândido de, 1987. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, Bertrand Editora.
- GUILBERT, Louis, 1975. *La créativité lexicale*. Librairie Larousse.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de, 1977. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. ed. Mirador Internacional, São Paulo, Brasil. 1ª edição 1975, 2ª edição.
- LITTRÉ, Émile, 1990. *Le Petit Littré*. éd. Librairie Générale Française.
- LELLO EDITORES, 1999. *Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa*. 1ª edição 1996, 2ª edição.
- PICOCHÉ, J., 1977. *Précis de lexicologie française*. éd. Nathan Université.
- PICOCHÉ, J., 1986. *Structures sémantiques du lexique français*, éd. Nathan Université.
- REY, Alain. Micro-Robert. 1977. *Dictionnaire d'apprentissage du français*, éd. Robert.
- REY, Alain. Micro-Robert. 1989; *Le lexique.Images et modèles. Du dictionnaire à la lexicologie*, Lib. Armand Colin.